

APRESENTAÇÃO

Embora mais de dois séculos nos separem do nascimento do Romantismo, ainda no final do século XVIII, entre os alemães, a sua atualidade teórica e estética permanece: tanto como parte canônica da modernidade quanto como parte da crítica que ainda nos faz interrogar essa mesma modernidade. Entre as muitas vertentes e leituras possíveis desse movimento, aquela que aponta para a aproximação recíproca (*Wechselwirkung*) entre poesia e filosofia é das mais frutíferas. Conceitos primeiro-românticos como nova mitologia, filosofia da filologia, crítica, modernidade, absoluto, poesia da poesia, ironia, entre outros, ou mesmo as figuras do poeta filosofante e do filósofo poetizante perpassam escritos e ensaios de Friedrich Schlegel, Novalis e de outros pensadores do Romantismo.

No século XVIII, a reivindicação de um estatuto de autonomia para a arte surge como projeto de uma época que suspeita da própria capacidade de se fazer entender. O fracasso da comunicação verbal consolida-se como um problema propriamente filosófico no Romantismo alemão – Friedrich Schlegel dedica-lhe até mesmo um ensaio, “Sobre a Ininteligibilidade” (1800). Eis por que, para os românticos alemães, a poesia não era apenas o objeto da filosofia, mas, como afirma Armin Erlinghagen (2012, p. VIII), “o próprio pensamento poetológico enquanto o *medium* da reflexão filosófica”¹ – o que indica que para expressar o inexprimível a filosofia precisava adentrar o terreno da poesia, abarcando sua natureza poética.

Repensando autores da filosofia, desde Platão e Aristóteles até seus contemporâneos Kant e Fichte, os românticos deram relevância inédita à poesia e à literatura. Isso fez deles também, depois, assunto central para autores como Walter Benjamin, Phillipe Laucoe-Labarthe, Jean-Luc Nancy ou Maurice Blanchot. Além disso, autores como Shakespeare e Goethe tive-

¹ “Die Poesie ist nicht nur Gegenstand der Philosophie, das poetologische Denken ist immer auch Medium philosophischer Reflektion”.

ram sua recepção marcada pelo Romantismo, que assim se coloca entre a história da filosofia e da literatura. Por fim, os próprios experimentos românticos mostraram-se decisivos para as experimentações estético-filosóficas que irão desaguar nas vanguardas em geral e até no Modernismo – e se farão sentir por isso, no Brasil, do movimento antropofágico ao tropicalismo.

Com este número da revista *Aletria* reunimos textos que expõem o estado da pesquisa sobre o legado e atualidade do Romantismo alemão. O texto de abertura, “A Doutrina da Arte de A. W. Schlegel como filosofia da arte e estética romântica”, de Marco Aurélio Werle, importante tradutor de textos de filosofia moderna alemã, discute como a doutrina de August Schlegel, de inspiração kantiana, representou a primeira filosofia da arte da época com ambições sistemáticas, combinando, de forma imanente, elementos da filosofia e da poesia.

O próximo texto é de Naím Garnica, e leva o título de “Lo femenino en la estética de Fr. Schlegel. Ciencia, cuerpo y poesía romântica”. Garnica busca reconstruir a noção de feminino na obra de juventude de Friedrich Schlegel a partir da análise de elementos críticos da estética romântica, traçando, por fim, relações com o pensamento de autores contemporâneos, tais como Merleau-Ponty, Celia Amorós e Sandra Hardinsson.

Em “Alguma poesia, poesia alguma: a poética generalizada do primeiro romantismo e alguns poemas de Drummond”, Maurício Chamarelli Gutierrez argumenta que, embora a ideia de poesia irrestrita seja um legado do primeiro romantismo alemão para a literatura no modernismo, a crítica e teoria posteriores hesitaram em reconhecê-lo, o que exemplifica através da análise de Antonio Candido sobre a poesia de Drummond.

Já Gabriel Victor Rocha Pinezi, em “O conceito de originalidade nas origens do Romantismo: uma análise de ‘Sobre a arquitetura alemã’, do jovem Goethe”, busca compreender o Romantismo no contexto das discussões da virada do século XVIII sobre o conceito de originalidade artística, e argumenta que, a partir de Goethe, uma “inversão de pressupostos platônicos será legada ao primeiro romantismo alemão”.

O texto seguinte, “A antiestética estetizante de Hamann: os eflúvios do gênio pré-romântico”, de Lucas Lazzaretti, almeja demonstrar como a antiestética de Hamann – e sua possível recepção pelo Frühromantik – são fundamentais para a constituição do conceito de gênio.

Patrícia Reis, em “Erich Auerbach e a ‘História das opiniões’ sobre Dante no Romantismo alemão”, discute, a partir daquele autor, as disputas críticas acerca da obra de Dante no horizonte do Pré-Romantismo e Romantismo, com o que Auerbach constituiria um projeto teórico próprio que reverbera até os dias atuais.

Em “Rilke e a religião poética: uma herança romântica”, Laura B. Moosburger localiza, a partir de Octavio Paz, a ideia de “poesia como religião originária” – oriunda do Romantismo – como um traço característico que atravessa a obra de Rilke.

Por fim, em “Alexandre Herculano germanista: um tradutor e intérprete do Romantismo em Portugal”, Hugo Lenes Menezes reivindica a importância do aspecto germanista de Alexandre Herculano como tradutor e intérprete do Romantismo em Portugal.

O conjunto de textos expõe a pluralidade de direções que os estudos sobre Romantismo alemão encontram hoje. Há desde exames detalhados e internos da doutrina de autores do Romantismo, passando pela exploração ali de questões que não estavam tão evidentes naquelas obras, até relações com produções geográfica e historicamente distantes, como no Brasil do século XX. Isso demonstra a fecundidade do pensamento romântico e como ele pode abrir caminhos para pensar. Esperamos que a leitura deste número possa ser, em sua dimensão, mais uma maneira de provar essa fecundidade.

Para encerrar este primeiro número de 2024 da *Aletria*, convidamos o nosso leitor a acessar a seção “Varia”, na qual publicamos mais dois artigos, e a resenha que fecha a edição.

O primeiro artigo, intitulado “Um ou dois estranhamentos? Revisitando Chklóvski e Perloff”, é de autoria de Pedro Henrique Trindade Kalil Auad. O pesquisador reflete como os autores Viktor Chklóvski e Marjorie Perloff articularam o conceito de *estranhamento*, a partir da leitura e análise de seus respectivos textos, “A arte como procedimento” e *A escada de Wittgeinstein*. No outro artigo, denominado “A função da oralidade em João Antônio e Geovani Martins: aspectos lexicais e sintáticos”, Raphael Salomão Khéde executa uma interessante análise sobre os aspectos lexicais e sintáticos que representam a base da construção estética realizada nas seguintes obras: o conto “Paulinho perna torta”, de João Antônio (1975), e o romance *Via Ápia*, de Geovani Martins (2022).

A resenha com a qual fechamos o número foi produzida por Rafael Fava Belúzio sobre obra *As outras constelações: uma antologia de filósofos do romantismo alemão* (2022), organizada e traduzida por Fabiano Lemos.

Gostaríamos de agradecer às autoras e aos autores que enviaram seus artigos para a composição do dossiê e das demais seções. Agradecemos o trabalho atento e dedicado de todos os envolvidos para que a *Aletria* continue sendo referência na divulgação dos estudos de literatura e de teoria literária com a qualidade e diversidade temática que lhe é peculiar.

Desejamos aos nossos leitores e às nossa leitoras, uma ótima leitura!

Os Organizadores e Editores,

Constantino Luz de Medeiros (UFMG/CNPq)
Pedro Duarte (PUC-Rio/CNPq)
Guilherme Fóscolo de Moura Gomes (UFSB)
Elen de Medeiros (UFMG)
arcos Antônio Alexandre (UFMG)

Referências

ERLINGHAGEN, Armin. *Das Universum der Poesie: Prolegomena zu Friedrich Schlegels Poetik*. Paderborn: Ferdinand Schöningh, 2012.